

## Desafios pedagógicos para o ensino dos esportes olímpicos na Educação Física escolar

### RESUMO

O presente estudo investigou os principais desafios pedagógicos, bem como, necessidades materiais e estruturais para o ensino dos esportes olímpicos como conteúdo da Educação Física (EF) escolar. A pesquisa, de natureza descritiva e abordagem qualitativa, foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco professores de EF da Rede Municipal de Pelotas, todos com atuação nos anos finais do Ensino Fundamental. Os resultados indicam quatro principais desafios: o desconhecimento dos alunos sobre esportes olímpicos; dificuldades para motivá-los à “novas práticas”; lacunas no processo de formação inicial e continuada; falta de materiais e estrutura adequados para a prática de diversas modalidades olímpicas. Constatamos que, apesar dos desafios identificados, os docentes demonstraram otimismo quanto às possibilidades de superação destes obstáculos, reconhecendo o potencial inovador do tema, bem como, a riqueza que proporcionaram para as aulas de EF. O estudo também oportunizou uma reflexão acerca da importância do aprendizado do tema ao longo da formação universitária de futuros professores de Educação Física.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esportes olímpicos;  
Desafios pedagógicos; Educação física escolar

**Nathan Bento Bielemann**

Licenciado em Educação Física  
Universidade Federal de Pelotas,  
Escola Superior de Educação Física e  
Fisioterapia  
Pelotas, RS, Brasil

[nathanbbielemann@hotmail.com](mailto:nathanbbielemann@hotmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0000-4063-8306>

**Ricardo Rezer**

Doutor em Educação Física  
Universidade Federal de Pelotas,  
Escola Superior de Educação Física e  
Fisioterapia  
Pelotas, RS, Brasil

[rrezer@ufpel.edu.br](mailto:rrezer@ufpel.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-2664-9292>

## **Pedagogical challenges for teaching olympic sports in school Physical Education**

### **ABSTRACT**

This study investigated the main pedagogical challenges and the material and structural needs for implementing Olympic sports as part of Physical Education in schools. The research, which is descriptive and qualitative in nature, was conducted through semi-structured interviews with five Physical Education teachers from the municipal school system of Pelotas, all working with students in the final years of elementary school. The results indicate four main challenges: students' lack of knowledge about Olympic sports; difficulty in motivating them to try new practices; teachers' limited training; and a shortage of suitable materials and infrastructure for practice. It was found that, despite these difficulties, teachers demonstrate optimism about overcoming these obstacles, recognizing the innovative potential of the topic, as well as the richness they would provide for PE classes. The study also offered an opportunity for reflection on the learning of the topic throughout the university formation of future PE teachers.

**KEYWORDS:** Olympic sports; Pedagogic challenges; Scholar physical education

### **Desafíos pedagógicos para la enseñanza de los deportes olímpicos en la Educación Física escolar**

### **RESUMEN**

El presente estudio investigó los principales desafíos pedagógicos, así como las necesidades materiales y estructurales para la enseñanza de los deportes olímpicos como contenido de la Educación Física (EF) escolar. La investigación, de carácter descriptivo y enfoque cualitativo, se llevó a cabo mediante entrevistas semiestructuradas con cinco profesores de EF de la Red Municipal de Pelotas, todos ellos con actuación en los últimos años de la Educación Primaria. Los resultados señalan cuatro desafíos principales: el desconocimiento de los estudiantes sobre los deportes olímpicos; las dificultades para motivarlos hacia “nuevas prácticas”; las lagunas en el proceso de formación inicial y continua; y la falta de materiales y estructuras adecuadas para la práctica de diversas modalidades olímpicas. Se constató que, a pesar de los desafíos identificados, los docentes manifestaron optimismo respecto a las posibilidades de superarlos, reconociendo el potencial innovador del tema, así como la riqueza que podría aportar a las clases de EF. El estudio también permitió reflexionar sobre la importancia de la inclusión de este contenido a lo largo de la formación universitaria de futuros profesores de Educación Física.

**PALABRAS-CLAVE:** Deportes olímpicos; Desafíos pedagógicos; Educación física escolar

## INTRODUÇÃO

O presente estudo é parte de uma pesquisa derivada de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Educação Física (EF) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), realizado entre os anos de 2024 e 2025.

Pensar a EF como um componente curricular que constitui o currículo escolar representa reconhecer as finalidades educativas que ela possui neste contexto. Desta forma, pensar sua responsabilidade pedagógica representa perspectivar o universo da cultura corporal de movimento como elemento fundante das práticas educativas desenvolvidas na EF escolar. Dentre os elementos que constituem este universo, temos o esporte como conjunto de saberes específicos importantes de serem trabalhados nas aulas. Neste conjunto de saberes, os esportes olímpicos representam uma janela de oportunidade importante, que não pode ser desconsiderada.

Pensar no esporte olímpico permite abordar a diversidade cultural que constitui as sociedades contemporâneas, bem como compreender a história das modalidades esportivas, especialmente gestada na realidade europeia do Século XIX (mas não só). Neste caso, o processo de esportivização vem ampliando sobremaneira seu espectro nas diferentes sociedades que habitam o planeta. Tal universalização se amplia exponencialmente após o fim da II Guerra Mundial (1939-1945), especialmente ao final do Século XX, fazendo com que os Jogos Olímpicos adquirissem uma dimensão de espetáculo midiático globalizado.

Desta forma, caberia a EF (mas não só a ela no âmbito escolar) tratar pedagogicamente este fenômeno e produzir propostas de intervenção que permitam aos estudantes compreenderem melhor este fenômeno, tanto do ponto de vista geral, o movimento olímpico, por exemplo, como do ponto de vista específico, suas modalidades esportivas (nas Olimpíadas de Paris, em 2024, tivemos a participação de 32 modalidades esportivas, o que sem dúvidas, abriria um conjunto de elementos de extrema riqueza para o desenvolvimento das aulas).

Compreendemos que o esporte olímpico nas aulas de EF deve ser abordado na perspectiva do que González (2006) chama de “esporte-conteúdo”, ou seja, não restrito à busca pelo rendimento máximo, mas orientado pelo rendimento possível, entendido como um saber sistematizado ao qual todos os alunos têm direito de acesso. Nessa direção, pensar os esportes olímpicos como conteúdo da EF escolar significa ampliar o conjunto de referenciais desse componente curricular, possibilitando novas formas de vivenciar e compreender o fenômeno esportivo — seja como praticante, torcedor(a) ou apreciador(a). Essa abordagem vai além dos aspectos técnicos e táticos, abordando também suas dimensões culturais, éticas, estéticas, políticas e científicas.

Dessa forma, cabe à EF, em consonância com elementos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tratar pedagogicamente esse fenômeno, promovendo experiências que estimulem a reflexão crítica e a valorização da diversidade das práticas corporais (Brasil, 2017). A BNCC destaca a importância da EF na direção de contribuir para que os estudantes compreendam e participem de diferentes manifestações da cultura corporal, o que inclui o esporte, as lutas, as danças, os jogos e as ginásticas. Essa perspectiva também se alinha ao Documento Orientador Municipal de Pelotas (DOM) (Pelotas, 2020), que reforça o papel da formação integral dos sujeitos.

No entanto, pensar nos esportes olímpicos na EF escolar pode esbarrar em algumas dificuldades e desafios, tendo em vista a necessidade do professor em buscar transformar sua prática pedagógica, adquirindo novos conhecimentos e habilidades em meio à toda complexidade do âmbito escolar (Paes, 2014, p.447). Partindo desses elementos introdutórios, nosso estudo objetivou analisar os principais desafios pedagógicos, bem como, as necessidades materiais e estruturais para implementação dos esportes olímpicos como conteúdo da EF Escolar. Os objetivos específicos da investigação foram os seguintes: (i) Identificar os principais desafios pedagógicos encontrados pelos professores ao introduzir múltiplas modalidades dos esportes olímpicos nas aulas da EF escolar; (ii) Identificar as necessidades materiais e estruturais para a implementação das modalidades esportivas olímpicas nas aulas de EF. A seguir, iremos apresentar uma síntese dos procedimentos metodológicos desta investigação.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se caracterizou como sendo de natureza descritiva, produzida a partir de uma abordagem qualitativa, onde buscamos entender um recorte da realidade do contexto escolar, porém, sem interferência direta durante todo processo investigativo (Nunes, 2016).

O estudo contou com a participação de cinco professores de EF atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental, todos atuando em escolas públicas da rede municipal de Pelotas (RS). Quatro dos participantes foram selecionados por sua atuação como supervisores de estágio no curso de licenciatura em EF da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) durante o semestre 2024/2, enquanto o quinto colaborador atua como professor supervisor do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), também ligado à ESEF/UFPel. A escolha desse grupo de colaboradores ocorreu de forma estratégica, considerando tratar-se de docentes com vínculo com a universidade (supervisão de estágio e PIBID), favorecendo o acesso, a comunicação e o aprofundamento das discussões propostas pela pesquisa.

A seguir, apresentamos um quadro contendo informações relevantes dos colaboradores, identificados por nomes fictícios, a fim de garantir seu anonimato (quatro colaboradores do gênero feminino e um do gênero masculino).

Quadro 1 - Informações relevantes dos colaboradores

Colaboradores	Tempo de atuação	Local / (Data) - Formação
<b>Professora Castanheira</b>	30 anos	Pelotas – Graduação EF (1995) - Especialização na área do Atendimento Educacional Especializado (2000)
<b>Professora Figueira</b>	8 anos	Pelotas – Graduação EF (2010) - Especialização na área de Educação Física Escolar (2014)
<b>Professora Acácia</b>	10 anos	Rio Grande – Graduação EF (2010) - Especialização em Atendimento Educacional Especializado (2021) - Mestrado concluído (2015)
<b>Professora Oliveira</b>	15 anos	Pelotas – Graduação EF (2009) – Especialização na área de Educação Física Escolar (2010)
<b>Professor Juazeiro</b>	2 anos	Pelotas – Graduação EF (2022) – Mestrado concluído (2024)

Fonte: Produção dos autores.

A coleta de dados foi autorizada previamente pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas (SMED) e pela Direção das escolas onde os/as colaboradores/as atuavam. Após este processo, foi realizado contato direto com os colaboradores, a fim de convidá-los para participar do estudo. Os cinco colaboradores receberam após seu aceite, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura e assinatura.

Após o aceite, foram agendadas entrevistas presenciais realizadas e conduzidas a partir de um roteiro semiestruturado, contendo perguntas abertas visando contemplar os objetivos deste estudo. Estas, foram estruturadas a partir dos seguintes eixos temáticos: (i) experiência de trabalho e

formação, visando compreender a trajetória profissional e formativa dos colaboradores; (ii) questões didático-pedagógicas gerais, relacionadas à prática docente e ao planejamento das aulas; (iii) questões específicas do TCC, voltadas aos objetivos da pesquisa; (iv) o conhecimento sobre esportes olímpicos, buscando identificar a familiaridade e as abordagens utilizadas em relação a esse conteúdo; e (v) espaço aberto para sugestões, críticas e considerações finais. Todas as entrevistas foram gravadas e armazenadas em um arquivo bruto, e posteriormente foram transcritas e devolvidas aos cinco colaboradores para que, com a devida autorização, pudéssemos ingressar na próxima etapa da pesquisa. Para o tratamento dos dados foi utilizada a análise temática proposta por Minayo (2008), que se desenvolveu em três principais etapas:

Na primeira etapa, a pré-análise, realizamos uma “leitura flutuante” dos dados das entrevistas, visando uma familiarização geral, ainda sem focar em categorias específicas. Em seguida, ocorreu a constituição do *corpus*, garantindo que os dados fossem pertinentes e contemplassem os aspectos previstos no roteiro de entrevistas (derivados dos objetivos). Nesta lógica, produzimos a formulação e reformulação de hipóteses, com base na leitura exaustiva das transcrições, ajustando-as aos objetivos e às percepções emergentes. Na segunda etapa, chamada de exploração do material, buscamos identificar núcleos de sentido nas falas dos docentes, organizando em categorias por meio de unidades de temáticas, como palavras, frases ou temas relevantes. Na terceira e última etapa, realizamos uma interpretação aprofundada e reflexiva dos dados, organizando-os de modo a atender aos objetivos da pesquisa. A seguir, apresentaremos os principais achados da investigação.

## **O ENSINO DE MODALIDADES OLÍMPICAS NA ESCOLA: com a palavra, os/as professores/as de educação física...**

O professor de EF exerce um papel fundamental no processo de aprendizagem, atuando como mediador entre aluno, sociedade e conhecimento, promovendo o desenvolvimento dos discentes (Basei *et al*, 2008). Logo, neste tópico, iremos discorrer acerca das seguintes questões: jornada semanal de trabalho, metodologias e estratégias de planejamento, bem como, limitações enfrentadas e soluções adotadas conforme cada contexto. Ao analisarmos questões didático-pedagógicas, estrutura física e materiais disponíveis no contexto da EF escolar do grupo de colaboradores em questão, evidenciamos um cenário marcado por desafios constantes, que exigem das docentes capacidade de adaptação, criatividade e resiliência durante o processo de ensino-aprendizagem.

A jornada de trabalho dos professores entrevistados varia entre 20 e 40 horas semanais, muitas vezes divididas entre diferentes funções no ambiente escolar, como o atendimento em sala de recursos ou o desenvolvimento de projetos extraclasse. Esse acúmulo de funções reflete diretamente na

organização do trabalho pedagógico e na qualidade do ensino dos professores, como pontua o professor Juazeiro ao afirmar: “Não tem como exigir muito de alguém que tem de trabalhar 60 horas pra viver, pois essa pessoa não vai conseguir fazer um bom trabalho, seja na área que for, né?” (Professor Juazeiro). Tal recorte expressa bem a realidade de muitos/as docentes, algo que se agrava nas últimas décadas, nas mais distintas áreas do conhecimento, evidenciando uma sobrecarga que gera impactos significativos na prática docente (Costa, 2025).

Os projetos extraclasse foram mencionados pelos colaboradores como algo extremamente relevante, se tratando de uma forma de estimular o interesse dos alunos, fortalecendo um vínculo direto com a prática esportiva. Modalidades olímpicas como atletismo e handebol foram citadas com frequência durante os relatos, mesmo que na maioria das vezes, associadas às afinidades pessoais dos professores. Certamente, os projetos extraclasse possuem relevância no contexto escolar; contudo, buscamos destacar que a responsabilidade de oportunizar o aprendizado sobre os esportes olímpicos recai sobre a EF escolar. É nesse espaço-tempo que todos os estudantes, sem distinção, devem ter garantido o direito de acesso a tais conhecimentos, práticas e vivências. Por sua vez, concordando com Santos (2021), que, embora a afinidade do professor com determinados esportes possa ser um elemento positivo, é necessário também um olhar cuidadoso para não ocorrer um “comodismo”, que possa gerar uma limitação dos conteúdos trabalhados dentro do contexto da EF como componente curricular.

Ao aprofundarmos em questões acerca do planejamento e metodologia dos professores, observa-se que, embora todos os docentes destaquem utilizar como referência a BNCC e o DOM, existem muitas críticas quanto à “aplicabilidade” desses documentos na realidade escolar. Neste sentido, o professor Juazeiro descreve:

A BNCC vai ficar muito em cima das habilidades e unidades temáticas, que acabam não se encaixando muito na nossa realidade. Então o que eu gosto de trabalhar mesmo, são aqueles objetivos de aprendizagem, em que se traça três macro objetivos, e vai se tentando desenvolver durante o ano, e a partir disso, afunilando e fazendo objetivos mais específicos (Professor Juazeiro).

De acordo com Furtado e Borges (2024), essa situação pode ser compreendida não apenas como resistência à BNCC, mas como uma expressão das tensões existentes que atravessam sua implementação, marcada por uma racionalidade normativa que muitas vezes se distancia das especificidades locais e das práticas pedagógicas. Assim, mais do que questionar a legitimidade da BNCC, é necessário problematizar como as escolas e os professores podem ressignificar suas orientações em diálogo com o projeto pedagógico, na medida que possibilite transformar a base em

um instrumento de mediação crítica e contextualizada, e não em um obstáculo no planejamento docente.

Foi possível perceber também que cada colaborador possui seu próprio “método de adaptação” na produção do planejamento, dependendo de cada demanda específica. Exemplificando, temos o caso da professora Acácia, que ressaltou que o planejamento não pode se desvincular das necessidades de cada turma, motivo pelo qual ela realiza no início de cada ano letivo uma avaliação diagnóstica que permite identificar as defasagens dos alunos para que possa estruturar um planejamento “[...] realista e condizente com as necessidades encontradas”. “Se eu tenho o básico daquela habilidade, consigo aprofundar para aquele conteúdo que seria deste adiantamento. Se não der, sou obrigada a retomar para trás” (Professora Acácia). Essa prática evidencia uma atuação pedagógica alinhada às demandas dos estudantes – neste caso, a produção de um diagnóstico como ponto de partida parece importante e necessária. Por sua vez, manifesta o individualismo como procedimento rotineiro na produção das propostas pedagógicas produzidas.

Apesar disso, um dos elementos mais recorrentes durante todas as entrevistas realizadas pelos docentes, relacionadas ao planejamento, refere-se às dificuldades atreladas à falta de materiais adequados e à precariedade da estrutura física das escolas. Aqui há um ponto nevrálgico para a EF escolar, um problema sem solução a tempos. Sandri (2007) destaca que a carência de materiais e de espaços físicos adequados obriga os professores a recorrerem ao improviso constante, o que afeta diretamente a constante necessidade de adaptar o planejamento.

Nesta senda, essa “adaptação em excesso”, demonstra comprometimento à compreensão da lógica interna das práticas esportivas. Essa realidade pode ser vista: “Se eu tenho material para fazer determinado esporte, eu começo a abordar, mas se não, tenho de mudar” (Professora Oliveira). “A adaptação faz com que não seja mais o esporte na sua essência, mas sim um tipo de variação daquela atividade esportiva” (Professora Acácia). De forma crítica, a professora Castanheira acrescenta:

Na escola pública, a gente tem de se adaptar muito para tudo, o que a gente recebe é o básico. Na iniciação eles topam essa relação direta com materiais adaptados, como por exemplo, o cabo de vassoura ao abordar algum conteúdo das lutas, material reciclado etc. Mas aí chega a um ponto em que perde a graça e eles querem chegar mais perto do que é a prática do esporte com seus materiais originais (Professora Castanheira).

A constante necessidade de improvisação se configura como um fator gerador de frustração, que afetam tanto os professores quanto os alunos. Através dos relatos, foi possível identificar limitações existentes em que diversos casos impedem que determinadas atividades representem, de

forma fiel, a modalidade esportiva originalmente praticada. Tal cenário se mostra por comprometer significativamente o processo de ensino-aprendizagem, além de impactar diretamente na motivação dos estudantes, que, muitas vezes, não conseguem estabelecer uma conexão efetiva com o conteúdo proposto, gerando dificuldades para a aprendizagem e desinteresse, corroborando no restringimento das repetitivas práticas corporais (Novais e Avila, 2017, p.40).

Prandina (2017) destaca que as limitações estruturais, por muitas vezes, acabam por comprometer significativamente o desenvolvimento das aulas e o alcance dos objetivos pedagógicos. Neste caso, temos duas questões importantes: (i) estrutura e materiais adequados são necessários e importantes para a prática pedagógica da EF escolar, representando um direito de alunos e docentes; (ii) por outro lado, as adaptações podem ampliar os horizontes de docentes e alunos, potencializando o exercício de criação a partir de determinada modalidade, sem necessariamente ficar refém desta. Certamente, este caráter ambíguo da questão torna ainda mais difícil a prática pedagógica, dotando-a de grande complexidade. Bem verdade, mesmo em contextos nos quais o material e a estrutura estão de acordo com determinadas modalidades esportivas, não há garantias de práticas exitosas.

Ao serem questionados sobre questões estruturais e como trabalham suas aulas em seus respectivos cenários, todos professores relataram possuir, em suas respectivas escolas, pelo menos, uma quadra destinada às atividades práticas - apesar disso, todos relataram possuir limitações materiais e de infraestrutura. Destaca-se também que todos apontaram a necessidade de inserir abordagens teóricas em seus conteúdos. A professora Figueira salienta que embora suas aulas sejam majoritariamente práticas, considera fundamental a utilização de uma introdução teórica no início de cada conteúdo. De maneira semelhante, a Professora Oliveira reforça essa necessidade, sobretudo no que se refere à apresentação das regras e conceitos básicos das modalidades esportivas. Essa integração entre teoria e prática nas aulas de EF está alinhada à perspectiva de Ghilardi (1998), que entende a teoria como o conhecimento sistematizado e a prática como sua “aplicação concreta”, sendo ambas fundamentais para resolver situações do cotidiano escolar, a partir da realidade vivida pelos educandos.

É possível inferir, baseados nas entrevistas, que, nestes casos, a maior parte das introduções teóricas estão restritas a “regras” e conceitos básicos sobre cada conteúdo abordado. Porém, em alguns relatos, há menção a abordagens teóricas mais profundadas. Por exemplo, a Professora Acácia demonstra uma preocupação da necessidade teórica diante dos conteúdos trabalhados, revelando que sua abordagem ocorre com maior frequência, dando ênfase também na reflexão crítica e problematizadora sobre as diferentes nuances que envolvem o tema do esporte, bem como, dos demais conteúdos trabalhados. Ainda neste sentido, o professor Juazeiro afirma: “Eu tento trabalhar

muitas vezes algo que não só na quadra, criando coisas, propondo alguns jogos pré-desportivos, porque ali tem muitos professores e muitas vezes temos que dividir” (Professor Juazeiro).

Esse cenário remete à reflexão proposta por Caparroz e Bracht (2007), onde os autores em questão discutem acerca da ideia da teoria e prática como dimensões intrinsecamente interligadas, compreendendo que a prática não deve ser vista como superior à teoria, mas sim como parte de um processo de compreensão e construção do conhecimento. Nessa lógica, não há como “aplicar” teoria na prática, na medida em que a teoria “testa” a prática proposta, bem como, a prática “testa” a teoria que lhe sustenta. Ou seja, ambas se produzem em uma relação dialética de tensão que potencializa a produção de aulas na condição de autoria docente.

Ao longo das entrevistas, percebeu-se também, divergências nas percepções dos professores no que se refere a motivação dos alunos para a prática das aulas. Enquanto alguns professores associam a desmotivação à precarização dos materiais e dos espaços físicos, a professora Figueira apresenta uma experiência distinta, destacando que “[...] aqui (na escola), os alunos sempre demonstram a vontade de experimentar aulas novas, abordando esportes diferentes dos mais tradicionais” (Professora Figueira). Este relato evidencia que o engajamento dos alunos também pode estar diretamente relacionado à cultura da EF construída em cada escola, tal como se refere Sanchotene (2013). Neste caso, a criação de uma cultura escolar para a EF se edifica com o tempo, entendendo a escola e a EF como espaço tempo de aprendizado, algo que se constrói com os estudantes com o tempo, bem como, com propostas organizadas e fundamentadas teoricamente.

Assim, os relatos reforçam que os diferentes contextos impactam significativamente no olhar dos alunos sobre as aulas, potencializando em maior ou menor medida, a participação ou o afastamento. A partir dessas reflexões foi possível compreender de maneira mais aprofundada às questões didático-pedagógicas e como as metodologias são adaptadas à realidade de cada docente, o que compreende condições de trabalho, além de identificar frustrações relacionadas ao planejamento e às limitações estruturais, especialmente na abordagem dos esportes. Tais questões despertam novos questionamentos que serão aprofundados nos tópicos seguintes, com foco na tematização e na prática do ensino dos esportes olímpicos no contexto da EF escolar.

## **Esportes olímpicos como conhecimento específico da Educação Física Escolar: projetando conteúdos para a prática pedagógica...**

Iniciamos este tópico partindo da citação de González (2006), na qual afirma que,

[...] o esporte entra no espaço da matéria escolar educação física no formato de conteúdo. Isto significa que não é tratado nem como esporte de rendimento, nem como esporte/lazer, nem como esporte escolar, mas como esporte-conteúdo, fenômeno a ser reconstruído desde o lugar específico do projeto escolar (González, 2006, p 82).

Zabala (1998) orienta que o ensino deve contemplar três dimensões: conceitual (saber), procedural (saber fazer) e atitudinal (saber ser). Nesse viés, Darido (2012) retrata que, na prática, a EF tem sido muito restrita à dimensão procedural, centrada apenas no "saber fazer", deixando de lado discussões culturais e reflexivas sobre as práticas corporais. Isso contribui para um ensino limitado aos esportes tradicionais, com especial foco no chamado "quarteto fantástico" (futebol, voleibol, basquetebol e handebol). (Santos, 2021; Darido, 2012).

Santos (2021) aponta que a limitação de conteúdos, o chamado "quarteto fantástico", está muitas vezes relacionada a um comodismo dos professores, que tendem a repetir esportes mais tradicionais, sendo evidente a importância de o docente buscar estratégias que ampliem as experiências dos alunos. Neste sentido, Godoi *et al* (2021) destaca que a implementação e a busca pela inovação dos professores de EF é algo que requer inventividade, coragem e ousadia no que tange a incessante busca por aumentar seus aprendizados durante a carreira profissional.

Nesse contexto, emerge como relevante a inserção dos Jogos Olímpicos e do Movimento Olímpico como conteúdos pedagógicos, capazes de integrar as três dimensões do ensino e de proporcionar uma abordagem mais ampla, crítica e formativa da cultura corporal de movimento. Tavares (2014) destaca que os Jogos Olímpicos, desde sua modernização em 1856, representam não só um evento esportivo global, mas também uma proposta educativa, algo fundamentada na filosofia do Olimpismo. Segundo Rubio (2010), o Olimpismo, idealizado por Pierre de Coubertin busca integrar esporte, cultura e educação, promovendo valores como excelência, amizade, respeito e equilíbrio entre corpo e mente. Essa filosofia entende o esporte como um meio para o desenvolvimento integral do ser humano, tanto físico quanto moral e social (Rúbio, 2010; Paes, 2014).

Em um cenário do contexto escolar, trabalhar os esportes olímpicos permite não só apresentar aos alunos uma diversidade de modalidades pouco exploradas, mas também desenvolver reflexões críticas sobre o esporte e seus impactos culturais e sociais (Paes, 2014). O DOM, à luz da BNCC, organiza os esportes de acordo com suas características estruturais e lógica interna, oferecendo subsídios para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. As modalidades esportivas são agrupadas em diferentes categorias: de marca (desempenhos em tempo, distância ou peso), de

precisão (lançar ou arremessar objetos em um alvo), técnico-combinativas (resultados obtidos por meio de sequências motoras), de rede ou parede de rebote (lançar ou rebater a bola em direção ao campo adversário), de campo e taco (rebater a bola para conquistar território), de invasão ou territoriais (transportar a bola até o alvo ou meta do oponente) e de combate (disputas corporais com técnicas específicas) (Brasil, 2017). Nessa perspectiva, o ensino do esporte nas aulas de EF pode ser enriquecido pela integração dos esportes olímpicos como eixo articulador dos conteúdos.

Destacamos que a BNCC propõe que o ensino dos esportes vá além da mera execução técnica, valorizando o reconhecimento de suas lógicas internas, significados culturais e valores educativos, o que dialoga diretamente com a filosofia e a diversidade presente nos Jogos Olímpicos, na busca de uma formação integral. Ao abordar o esporte olímpico sob essa ótica, o professor pode promover aprendizagens que envolvem reflexões sobre temas como ética, superação, respeito às diferenças e cooperação, princípios que também fundamentam o Olimpismo (Tavares, 2014).

Pereira (2022), evidencia através de seu estudo que a inserção sistemática das modalidades olímpicas nas aulas gera maior interesse dos alunos e amplia o repertório dos professores, enquanto Tomita e Canan (2019) e Costa e Nascimento (2006), destacam que o predomínio dos esportes tradicionais está muito ligado à influência midiática e à falta de inovação no ambiente escolar.

Assim, o ensino dos esportes olímpicos, alinhado aos princípios do Olimpismo, representa uma oportunidade de enriquecer tanto a EF escolar, quanto o modo como o esporte é trabalhado na escola, podendo promover aulas mais dinâmicas, inclusivas e reflexivas. Essa abordagem exige, segundo Almeida (2017) e Godoi (2021), professores com disposição para ampliar o leque de possibilidades das aulas, capazes de superar desafios estruturais e pedagógicos e que atuem como agentes de transformação, comprometidos com uma educação que forme cidadãos críticos, éticos e socialmente responsáveis.

Tomando por base as perspectivas anteriormente apresentadas, buscamos inicialmente compreender os conhecimentos dos docentes acerca do tema dos esportes olímpicos no contexto da EF escolar, bem como em que medida eles se fazem presentes na realidade das escolas. Logo, foi perceptível que todos os professores entrevistados relataram não possuírem um “conhecimento aprofundado” sobre muitos esportes olímpicos, onde se faz presente nas citações “os mais tradicionais” (Tomita e Canan, 2019). Estas respostas tornam-se compreensíveis, tendo em vista as inúmeras modalidades existentes – por isso, ser docente é aprender junto com os estudantes ao longo do tempo, potencializando o aprendizado de ambos.

Neste sentido, é possível identificar uma preocupação com a falta de formação técnica adequada para abordar os esportes atualmente olímpicos: “Então, tem diversos esportes que na minha

época não eram olímpicos, mas que hoje são, e que ainda não me sinto com a formação necessária para abordar profundamente” (Professora Castanheira).

Ademais, nessa perspectiva de formação, destacam-se ainda casos como os de Acácia e Juazeiro, que relataram ter tido contato com diferentes modalidades por meio de oficinas ou disciplinas optativas durante a universidade, evidenciando uma maior abertura (mesmo que não suficiente para contemplar os conhecimentos de forma aprofundada) a esportes menos tradicionais em formações mais recentes, em contraste com a Professora Castanheira, cuja formação inicial é a mais antiga entre os colaboradores entrevistados.

Ao percurso da entrevista, todos os professores destacaram a importância dos cursos de formação ofertados pela mantenedora como um meio de ampliação dos seus conhecimentos, principalmente sobre modalidades esportivas não tradicionais. O *Rugby* foi citado por todos como o esporte mais presente nesses cursos, seguido do *Tênis*, *Punhobol* e *Beisebol*.

Contudo, houve críticas presentes nos relatos no que tange à falta de oferta recente desses cursos e a dificuldade para conciliá-los com a jornada de trabalho atual. Os professores afirmam: “Sobre as formações do município, esse ano eu não tive acesso a nenhuma [...] fica bem fora de mão, né?” (Professor Juazeiro), e a Professora Castanheira complementa: “[...] é algo que não consigo participar por conta da própria carga horária como professora, né?” (Professora Castanheira).

Apesar das críticas presentes, foi possível notar que a relevância que os cursos de formação possuem em todos os cenários investigados, referendado como uma oportunidade de aprendizado técnico acerca de novas e diferentes modalidades esportivas, alinhando ao que Godói *et al* (2021) chama de uma “formação mais enriquecedora em curso”. Por sua vez, as condições de trabalho, bem como, a formação continuada como uma política educacional deve contemplar a participação dos docentes como algo inalienável, porém, algo bem distante da realidade dos colaboradores.

No entanto, além da formação técnica sobre os esportes, é relevante destacar a importância e necessidade de uma formação mais ampla, que envolva também reflexões aprofundadas de temas como o Olimpismo e a filosofia do Movimento Olímpico. Aprofundar esses conhecimentos permite que o docente compreenda o esporte não apenas como prática física e técnica, mas como ferramenta de formação integral do discente, capaz de promover uma prática pedagógica intencional nos valores éticos, na cidadania, na inclusão social e no respeito à diversidade. Conforme Rubio (2010) e Tavares (2014), o esporte deve ser considerado como meio para o progresso pessoal e coletivo, promovendo cidadania, inclusão e respeito às diferenças.

Nesta linha, Sanchotene (2013), destaca que as experiências vividas na formação moldam diretamente a prática docente, e isso é evidente nos relatos. Concluindo que o conhecimento sobre os esportes olímpicos está diretamente relacionado às vivências formativas, sobretudo com os esportes

“mais tradicionais”, e que os cursos ofertados pela mantenedora representam uma das poucas oportunidades de acesso às modalidades que por muitas vezes se caracterizam como menos tradicionais.

Ao serem questionados sobre as modalidades esportivas que ocorrem “na prática”, durante o ano letivo, na maioria das vezes, os esportes mais abordados pelos professores são os “mais tradicionais”. Porém, observamos que os docentes também buscam inserir diferentes modalidades em seus conteúdos, onde foi possível identificar diferentes esportes citados como: *curling*, tênis, esgrima e *breaking dance*. Apesar de todas as dificuldades existentes, ainda é possível identificar uma tentativa dos professores em abordar múltiplos conteúdos, buscando uma superação sobre as dificuldades existentes.

Nos esportes tradicionais a gente acaba trabalhando um pouco mais por conta do próprio recurso físico que tem disponível na escola, mas eu sempre tento adaptar da maneira que é mais possível para eles conhecerem, pelo menos tendo uma visão e compreensão do que são as diferenças dos esportes (Professora Acácia).

Nos relatos, corroborando com Prandina (2017), percebemos que os docentes buscam diversificar os conteúdos, reconhecendo a importância da EF no desenvolvimento dos alunos. Contudo, através das falas dos professores, a inserção dos esportes olímpicos enfrenta grandes e diferentes desafios em sua prática, tais como mencionado anteriormente, a falta de espaço, de materiais e, em alguns casos, o baixo engajamento dos alunos diante das novas práticas propostas.

Questionados sobre possíveis experiências adquiridas envolvendo a abordagem dos Esportes Olímpicos nas aulas, todos relataram tentativas anteriores em abordar o tema durante o planejamento pedagógico, especialmente durante o período dos Jogos Olímpicos de Paris 2024, mesmo ano de realização das entrevistas do estudo em questão (2024-2). Cabe destacar também que, devido às enchentes que afetaram o estado do Rio Grande do Sul e o município de Pelotas no ano de 2024, muitas atividades realizadas ocorreram através de abordagens predominantemente teóricas, com ênfase em pesquisas sobre a história dos jogos, modalidades e curiosidades.

A Professora Acácia relata que, apesar de não ter realizado nenhum evento prático sobre as olimpíadas, trabalhou a temática com vídeos e atividades em sala. Já as professoras Castanheira e Oliveira também propuseram pesquisas teóricas, incentivando aos alunos para escolherem uma modalidade olímpica para estudo e debate, destacando o interesse em esportes como judô e boxe, além do tradicional futebol. A professora Castanheira destacou também, reconhecer que esta abordagem proporcionou um interesse maior dos alunos por modalidades até então pouco conhecidas.

Por outro lado, a Professora Figueira foi a única que relatou ter conseguido realizar uma gincana adaptada às realidades da escola, aliando atividades tanto práticas quanto teóricas sobre o tema. A professora Acácia salientou também que conseguiu trabalhar a dança *breaking*, novidade nos Jogos de Paris 2024, antes das paralisações em razão das enchentes.

De todos os relatos obtidos, o que mais chamou a atenção foi o do Professor Juazeiro, que descreveu ter aproveitado o período dos Jogos de Paris 2024 para oportunizar aos alunos que assistissem todos os esportes e modalidades no próprio espaço escolar. O professor revelou ter organizado com a escola a sala de informática, disponibilizado um telão, pois levava diversas turmas para assistirem modalidades esportivas diversificadas. Estes momentos fizeram com que os alunos tirassem suas próprias impressões e reflexões acerca dos esportes, potencializando o pensamento crítico acerca do que estavam assistindo, indo além de somente assistir um jogo.

A gente fez também alguns relatórios para eles contarem através de um texto o que eles acharam e aprenderam com aquilo [...]. A gente assistia aos jogos, depois eles entregavam esse textinho contando sobre seus aprendizados sobre certas modalidades. [...] Pegamos algumas coisas de lutas, também todas as finais que tiveram do voleibol, handebol e foi a primeira vez em que eles assistiram assim. Já tinha trabalhado com eles no passado, mas nunca tinham assistido uma partida oficial (Professor Juazeiro).

Estas experiências demonstraram que apesar dos desafios enfrentados, especialmente pela suspensão das aulas devido às enchentes, em certa medida, algumas comunidades escolares se mobilizaram para trabalhar a temática dos Jogos Olímpicos, combinando atividades teóricas e, quando possível, práticas. Bernabé é Starepravo (2014) e (Pereira 2022) reforçam que os megaeventos esportivos são ferramentas valiosas para atrair a atenção dos alunos e promover reflexões críticas sobre seu legado. Nessa direção, se constituem como fonte de conhecimento sobre questões específicas (técnicas, táticas, sistemas, regras, entre outros) e questões amplas (questões culturais, sociais, históricas, econômicas entre outras).

Dessa forma, confirma-se que a abordagem dos esportes olímpicos vai ao encontro do que propõe Pereira (2022), demonstrando potencial para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem dos alunos no que diz respeito à compreensão do esporte. As falas dos professores entrevistados evidenciaram que os Jogos Olímpicos de Paris 2024 despertaram o interesse dos estudantes por diversas modalidades, muitas vezes até então desconhecidas. Em alguns casos, os alunos passaram a contextualizar os esportes assistidos nas transmissões televisivas, trazendo-os como referência para as aulas da EF escolar.

O Professor Juazeiro também demonstrou que o acesso aos jogos durante o cotidiano escolar transformou a percepção dos alunos sobre modalidades que já praticavam, como o handebol. A

Professora Acácia descreveu que os conteúdos desenvolvidos no início do ano, envolvendo a temática dos esportes olímpicos, auxiliaram na motivação dos alunos para as atividades relacionadas às olimpíadas.

Devido à complexidade da questão, entendemos que se torna relevante, além de assistir aos jogos (bela iniciativa), se torna necessário também a experiência corporal. Não podemos esquecer que a EF se coloca na cultura escolar como um espaço tempo privilegiado para experiências e práticas corporais. Desta forma, articular o jogar com o assistir representa um desafio que não podemos esquecer.

Finalizando este tópico, independentemente dos desafios aqui apresentados, foi impactante perceber que todos os colaboradores procuraram propor atividades inovadoras, aproveitando-se de temáticas emergentes em todo mundo e mostrando também que se utilizam deste momento para pensar novas práticas pedagógicas, indo para além da exclusividade do “quarteto mágico” (Paes, 2014). Esta oportunidade, mesmo que de forma mais teórica e simples, entrega aos alunos novos conhecimentos de diferentes práticas esportivas, para muitos deles, nunca vistas anteriormente.

## **Principais desafios pedagógicos e materiais para o ensino dos esportes olímpicos...**

Neste tópico, buscamos identificar, a partir da perspectiva docente, os principais desafios pedagógicos para a implementação dos esportes olímpicos como conteúdo para a EF escolar. A partir de perguntas mais objetivas e específicas referentes a esta temática, bem como as falas dos professores ao longo da entrevista, identificamos diferentes visões acerca do que podem ser considerados como desafios pedagógicos (alguns já anunciados anteriormente, tal como a questão da estrutura e materiais). Durante os relatos apresentados foi possível identificar quatro principais desafios, conforme a seguir.

O primeiro desafio refere-se ao desconhecimento prévio dos alunos sobre determinadas modalidades esportivas. A Professora Figueira foi a colaboradora que mais deu ênfase na necessidade de uma reflexão maior para pensar um planejamento para alunos que nunca tiveram contato com esportes para além do “quarteto fantástico”. Ela descreve que este processo exige um tempo de adaptação necessário para o aluno, e que também exige do docente uma predisposição significativa para superar a barreira apresentada. A Professora Figueira deu ênfase maior nesta ideia quando destacou:

Eles não estão acostumados, sendo necessário introduzir aos poucos estas novas modalidades dos esportes olímpicos para gerar um tempo de adaptação. Porém, muitas vezes não se tem tempo necessário para todo este processo (Professora Figueira).

Por sua vez, tempo é algo a ser dimensionado no planejamento, bem como, em níveis de complexidade crescente ao longo da formação escolar. Aqui reside um aspecto nevrálgico para a construção de uma cultura escolar que possa estabilizar o desenvolvimento de determinados conteúdos (neste caso, os esportes olímpicos). Neste aspecto reside boa parte das possibilidades de êxito para a implantação destas modalidades como conteúdo escolar, planejamento, ação pedagógica coerente e continuidade, elementos fundantes que potencializaram a inserção de tais intencionalidades na realidade escolar.

O segundo desafio identificado, intimamente ligado ao primeiro, refere-se à motivação dos alunos diante de novas experiências propostas nas aulas. As entrevistas revelaram percepções distintas entre os docentes, indicando que o engajamento dos estudantes varia conforme o contexto escolar. A professora Oliveira, por exemplo, relatou que “não é nem a motivação dos alunos para com esportes diferentes [...] Aqui na escola tem uma cultura da EF mais consolidada”. Essa fala evidencia que a motivação discente também está relacionada à cultura institucional da EF construída em cada escola. Segundo Rodrigues e Bracht (2010), as “culturas escolares de Educação Física” configuram-se a partir das formas específicas de inserção desse componente curricular no cotidiano, sendo produzidas nas interações entre professores, alunos e o próprio projeto pedagógico da escola. Os autores mostram, em seus estudos etnográficos, que a maneira como a EF é legitimada e vivenciada nas instituições escolares influência diretamente o envolvimento e o sentido atribuído pelos alunos às práticas corporais. Assim, em escolas onde há uma cultura da EF consolidada, o professor tende a encontrar maior receptividade e participação dos estudantes, enquanto em contextos de menor valorização ou de fragilidade institucional, o desafio da motivação se intensifica. Isso reforça que o engajamento discente não depende apenas do conteúdo proposto, mas das condições culturais e pedagógicas que dão significado à Educação Física dentro da escola.

O terceiro desafio a formação dos professores para trabalhar com esta temática, bem como, possibilidades para aprofundamento dos saberes acerca das modalidades olímpicas.

A própria vivência de formação da gente sobre determinados esportes, por exemplo, aquela questão do atletismo, eu nunca fiz salto com vara, não tenho nenhuma experiência prática disso, mas posso dizer que sei a teoria do movimento, mesmo sem ter vivenciado ou sequer praticado. Resumidamente consigo passar para eles aquilo que consigo estudar sobre o esporte, porém a experiência física e motora não vou ter como repassar para alunos (Professora Acácia).

Durante estes relatos foi possível compreender que por mais que os desafios se fazem presentes na realidade dos professores, causando uma certa insegurança sobre determinadas modalidades, há uma disposição dos docentes em realizarem um estudo prévio antes de qualquer planejamento pensando na abordagem de um novo conteúdo. E isso requer condições objetivas que permitam tal empreitada (carga horária para estudar e participar de encontros de formação continuada, por exemplo).

Afinal, nisso reside uma responsabilidade docente – parece importante superar a ideia de que ensinamos o que sabemos, em direção a ideia de que podemos seguir aprendendo ao longo da carreira sobre saberes que podemos partilhar, construir e compreender junto com os alunos. Aqui temos um ponto importante: a formação inicial não poderá dar conta de todas as modalidades olímpicas e a formação continuada não pode ser constituída somente por saberes técnicos, mas sim, amplificar uma dialética entre saberes de âmbito geral (saberes sobre o mundo, as sociedades, a educação e as distintas áreas do conhecimento) e saberes de âmbito específico (saberes técnicos sobre, por exemplo, distintas modalidades esportivas).

O quarto e mais enfatizado desafio é o déficit de estrutura e materiais adequados para prática (já sinalizado anteriormente). Três dos cinco professores o apontaram como o principal obstáculo encontrado para o ensino dos esportes olímpicos na EF escolar. O Professor Juazeiro criticou a estrutura física escolar, moldada para esportes tradicionais, e comentou: “[...] para o atletismo não é difícil, [...] é relativamente barato, [...], mas só tem uma quadra, com goleiras e uma tabela de basquete” (Professor Juazeiro). Ele ainda acrescentou que mesmo em escolas maiores, “nem o básico” está disponível, como uma bola para jogar futsal, o que compromete até mesmo os esportes mais conhecidos. A Professora Acácia reforçou a dificuldade com adaptações, exemplificando com a esgrima: “o peso da espada feita de jornal, não é sequer o mesmo, [...] dificultando a continuidade no planejamento” (Professora Acácia).

Essas limitações materiais foram frequentemente citadas durante o percurso de todas as entrevistas realizadas, evidenciando o impacto direto na qualidade das aulas e no engajamento dos alunos. Os professores relataram uma grande frustração diante da necessidade constante de adaptações, e todos defenderam um maior investimento público. Verificou-se que os desafios citados ultrapassam a capacidade individual, sendo demandas coletivas da categoria docente, necessitando de ações que sejam igualmente coletivas.

Questionados sobre a possibilidade de superação dos desafios, todos os docentes acreditam que seja possível, embora as limitações mencionadas. A Professora Acácia afirmou que, mesmo não conseguindo trabalhar com o esporte “em si”, há “uma adaptação pedagógica escolar possível” em

andamento – ela exemplifica com sua abordagem sobre o surfe de forma teórica. Já a Professora Oliveira denunciou as barreiras financeiras enfrentadas, como a necessidade de rifas para aquisição de materiais.

Ainda nesse contexto, partindo dos problemas identificados, verificamos outro grande problema: a responsabilização individual dos docentes como mote para a superação dos desafios mencionados, perspectiva que pode gerar frustrações. Por sua vez, não podemos esquecer que problemas coletivos requerem soluções também coletivas. Apesar disso, algumas tentativas de superação foram registradas, como o uso de praças e campos por parte das professoras Castanheira e Oliveira. No entanto, ambas enfrentaram dificuldades burocráticas, como autorizações dos pais, o que restringe a autonomia docente.

[...], mas hoje em dia fazer tudo isso se torna mais difícil, tendo toda uma burocracia para autorização dos pais, então eu acabo ficando muito limitada ao espaço só da escola, que não é tão grande para alguns tipos de práticas (Professora Oliveira).

Aqui se fazem necessárias ações para além do âmbito pedagógico, gestadas no campo político, considerando a necessidade de qualificação dos espaços e da estrutura física das escolas. Tal questão é importante e decisiva para a valorização da profissão docente. Sem dúvidas, um direito da comunidade escolar, porém, ainda distante de muitas realidades.

Em um panorama geral, foi perceptível a motivação dos colaboradores na busca pela superação/enfrentamento dos desafios encontrados. Estes relatos contrariam em parte as percepções de Santos (2021), quando aponta a existência do comodismo por parte dos professores a sempre permanecerem com o mesmo conteúdo que abordam repetidas vezes, os mesmos esportes por falta de vontade de sair da “zona de conforto”. Na lógica ora perspectivada, cabe destacar que os desafios encontrados dependem também da solução dos envolvidos, em um movimento para o qual o “comodismo” não representa possibilidade plausível. No que tange ao material e a estrutura física, parece se colocar como o elemento de maior desmotivação presente nos relatos dos docentes que, por conta disso, compreendem sua prática pedagógica de forma limitada e pouco inovadora.

Finalizando, enfrentar os desafios pedagógicos para o ensino dos esportes olímpicos, com tudo que isso implica, requer a articulação política no contexto das escolas e das secretarias de educação nas distintas redes (Estadual ou Municipal, por exemplo). No âmbito pedagógico, requer disposição para a inovação, para o diálogo entre pares e o estudo cotidiano como forma de empoderamento frente aos desafios da docência em geral, e aos desafios da implementação dos esportes olímpicos em particular, desafio nada fácil, mas digno do que se espera, tanto dos docentes como da gestão da escola pública em nossos dias.

## **CONCLUSÃO**

A partir dos objetivos previamente definidos, das análises e discussões realizadas, concluímos que os desafios pedagógicos para o ensino dos esportes olímpicos na EF escolar são diversos e interligados. Os principais desafios relatados pelos colaboradores do estudo são: a necessidade de superar o desconhecimento dos alunos sobre essas modalidades, ditas aqui, como “não tradicionais”, a dificuldade em motivá-los para a prática de novos esportes, a carência de formação técnica dos docentes acerca de modalidades olímpicas e a falta de material e estrutura necessária para a prática e inovação dos conteúdos.

No entanto, o desafio pedagógico enfatizado pelos professores, em âmbito geral, foi sobre às questões materiais e estruturais. Assim, três dos cinco colaboradores destacaram que o principal desafio pedagógico encontrado atualmente no cenário escolar foi justamente a falta de materiais adequados para a prática e a estrutura disponibilizada para as aulas de EF na escola pública. É importante ressaltar que apesar de dois professores entrevistados não terem destacado a questão material e estrutural nas escolas, foi possível notar nos relatos que há uma grande frustração na hora do planejamento de suas aulas e os conteúdos trabalhados. Dessa forma, as necessidades materiais e estruturais relatadas pelos professores não condizem, na maioria das vezes, com a realidade, pois precisam constantemente de adaptações nos planejamentos deste conteúdo.

Nesta senda, foi possível concluir também que, apesar dos desafios encontrados, os professores, de forma geral, se sentem motivados e acreditam que existam possibilidades de superação parcial dos desafios identificados. As principais formas de superação possíveis se mostram por meio de adaptações dos espaços e materiais, inovações na maneira em que abordam os conteúdos e estudos prévios acerca das modalidades olímpicas que são desconhecidas pelos docentes. Entende-se que estas questões não anulam a existência dos desafios citados, porém, contornam parcialmente os problemas identificados.

Outro fato que ficou evidente através das análises obtidas, refere-se à importância na formação universitária no que tange ao movimento olímpico e as distintas modalidades esportivas existentes. Acreditamos que um maior fomento acerca destas questões apresentadas durante o período acadêmico, tais como: oficinas, semanas acadêmicas, seminários e simpósios poderiam possibilitar aos futuros docentes um conhecimento mais rico e expandido, o que acabaria por impactar e refletir diretamente no contexto escolar. Da mesma forma, cabe aprofundar a relação dialética entre saberes amplos e saberes específicos constituintes da docência.

Por fim, vale sublinhar que o presente estudo buscou entender a realidade dos docentes a partir da amostragem de quatro cenários distintos da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas, considerando a perspectiva de cinco docentes de EF. Nesse sentido, outras realidades podem apresentar resultados diferentes acerca do que tentamos destacar como sendo os principais desafios pedagógicos para o ensino dos esportes olímpicos na EF escolar. Para finalizar, entendemos que a EF se coloca como um campo do conhecimento que tem por responsabilidade tematizar elementos da cultura corporal do movimento, na direção de permitir o usufruto dos alunos ao longo da vida. Assim sendo, os esportes olímpicos e o olimpismo fazem parte desta arquitetura, devendo ser considerados como conteúdos importantes para a formação escolar na perspectiva da formação humana.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Educação Física escolar e práticas pedagógicas inovadoras: uma revisão. **Corpoconsciência**, Mato Grosso, v. 21, n. 3, p. 7-16, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/issue/view/5312> Acesso em: 25 nov. 2025.

BASEI, Andréia Paula *et al.* A prática pedagógica dos professores de Educação Física e a influência do esporte: da formação à atuação profissional. **EFDelportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, v. 123, n. 13, ago. 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd123/educacao-fisica-a-influencia-do-esporte-da-formacao-a-atuacao-profissional.htm>. Acesso em: 25 nov. 2025.

BERNABÉ, Andressa Pelo; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Megaeventos esportivos: o desenvolvimento do legado esportivo educacional. **Pensar a Prática**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 456-471, 30 jun. 2014. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v17i2.25297>.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 25 nov. 2025.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/53/61>. Acesso em: 25 nov. 2025.

COSTA, Luciane Cristina Arantes da; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. prática pedagógica de professores de Educação Física: conteúdos e abordagens pedagógicas. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 2, n. 17, p. 161-167, maio 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3336>. Acesso em: 25 nov. 2025.

COSTA, Dirno Vilanova da. Educação em tempos de pressão: o impacto da intensificação do trabalho docente na aprendizagem dos alunos. **Revista Foco**, v. 18, n. 5, e8551, p. 1–20, 2025. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n5-084>

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 51-75. v. 16, 2012.

FURTADO, Renan Santos; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. Educação Física na BNCC: muitas tensões, alguns avanços e perspectivas possíveis. **Educação & Realidade**, [S.L.], v. 49, n. 133596, p. 1-21, 2024. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236133596vs01>.

GHILARDI, Reginaldo. Formação profissional em Educação Física: a relação teoria e prática. **Motriz**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 1-11, jun. 1998. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/6575> Acesso em: 25 nov. 2025.

GODOI, Marcos; PINTO, Bruno da Silva; CABELEIRA, Joami Bettim; LOURENÇO, Renato Gagg; MOREIRA, Evando Carlos. Professores de educação física como experts adaptativos e a busca da inovação. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 27, p. e36668, 2021. DOI: 10.26512/lc.v27.2021.36668. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36668>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Projeto curricular e educação física: o esporte como conteúdo escolar. In: REZER, Ricardo. (Org.). **O fenômeno esportivo ensaios crítico-reflexivos**. Chapecó: Argos, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. Ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

NOVAIS, Noilma Regina Souza; ÁVILA, Marco Aurélio. Análise dos recursos físicos e materiais às aulas de Educação Física em escolas públicas estaduais em Ilhéus, Bahia. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 32-42, out. 2017. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/6460>. Acesso em: 25 nov. 2025

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes; ALENCAR, Maria Aparecida Carvalho de. Pesquisa científica: conceitos básicos. **Id On Line Revista de Psicologia**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 144-151, 28 fev. 2016. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/ideonline.v10i1.390>.

PAES, Viviane Ribeiro; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Relações pedagógicas entre Educação Física escolar e jogos olímpicos. **Pensar a Prática**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 443-445, 30 jun. 2014. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v17i2.25013>.

PELOTAS. Secretaria Municipal de Educação e Desporto. **Documento Orientador Municipal: Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Pelotas**. Pelotas, 2020. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/dom-documento-orientador-municipal-pelotas-2020pdf/257420074>. Acesso em: 25 nov. 2025.

PEREIRA, Marcos Paulo Vaz de Campos. Tematizando jogos olímpicos na escola. **Corpoconsciência**, [S.L.], v. 2, n. 26, p. 33-50, 3 ago. 2022. <http://dx.doi.org/10.51283/rc.v26i2.13046>.

PRANDINA, Marilene Zandonade; SANTOS, Maria de Lourdes dos. A Educação Física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Horizontes - Revista de Educação**, [S. L.], v. 4, n. 8, p. 99-144, jun. 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/horizontes/article/view/5745>. Acesso em: 25 nov. 2025.

RODRIGUES, Leonardo Lima; BRACHT, Valter. As culturas da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 93-107, 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/483>. Acesso em: 25 nov. 2025.

RUBIO, Katia. O legado educativo dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 32-33, p. 71-88, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p71>. Acesso em: 26 nov. 2025

SANCHOTENE, Mônica Urroz; MOLINA NETO, Vicente. Rotinas, estratégias e saberes de professores de Educação Física um estudo de caso etnográfico. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São

Paulo, v. 27, n. 3, p. 447-459, set. 2013. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbefa/a/JWjppnhQdJNS7LGMYcqDwsQ/?lang=pt>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SANDRI, Sirlei de Fátima. Professores de Educação Física: (Des) Motivados nas Práticas Pedagógicas das Escolas Públicas Estaduais de Francisco Beltrão/Paraná? In: **O professor pde e os desafios da escola pública paranaense: Cadernos PDE**. Paraná, v. 1, p. 7-20, 2007. Disponível em:  
<https://acervodigital.educacao.pr.gov.br/pages/view.php?ref=23367#>. Acesso em: 26 nov. 2025

SANTOS, Otavio Henrique Rodrigues dos. Educação Física escolar e o "quarteto fantástico": afinidade ou comodismo? **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 11, 30 de março de 2021. Disponível em:  
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/10/educacao-fisica-escolar-e-o-quarteto-fantastico-afinidade-ou-comodismo>

TAVARES, Otávio. Olimpismo. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime.; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: UNIJUÍ, 2014.

TOMITA, Andréa Setsuko Fortuna; CANAN, Felipe. A utilização de modalidades esportivas não tradicionais em aulas de Educação Física escolar. **Corpoconsciência**, Mato Grosso, v. 23, n. 2, p. 13-25, ago. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/8103>. Acesso em: 26 nov. 2025.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## NOTAS DE AUTOR

### AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Foram respeitados todos os procedimentos éticos, conforme submissão de declaração de conformidade ética.

### CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros



remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

## EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira

## REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

## HISTÓRICO

Recebido em: 01/08/2025

Aprovado em: 20/11/2025

